

O Desejo e seu Outro

Luiz Henrique Vieira da Silva¹

Resumo: Este artigo analisa os desdobramentos do movimento do desejo no *Capítulo IV da Fenomenologia do Espírito* de Hegel em todos os seus momentos para mostrar como o desejo na qualidade de movimento vai paulatinamente mudando sua característica enquanto movimento até atingir o ponto de sua transmutação. Esta transmutação evidencia uma dialética transformativa do desejo em trabalho e permitirá entender como surge a temática do trabalho no capítulo e obra retrocitados.

Palavras-chave: Desejo, Trabalho, Consciência de si, Hegel.

Abstract: This paper examines the ramifications of the movement of desire in the *Chapter IV of Hegel's Phenomenology of Spirit* in every moment of the process, in order to show how the desire as a movement is gradually changing its characteristics until reaches the point of its transmuting. This transmuting of desire puts in evidence a transformative dialectic of desire into work and it will allow to understand how the subject of work appears in the chapter and book already stated above.

Keywords: Desire, Work, Self-consciousness, Hegel.

I

O desejo (*Begierde*)² consiste no movimento primordial da consciência porque a põe como primeira forma de negatividade em relação à realidade que a cerca e seus objetos postos como independentes. Essa forma de negatividade leva à consciência a reflexão que traz à tona a realidade que a cerca como realidade viva e, conseqüentemente, a descoberta de que é consciência de si justamente porque existe outra consciência de si.

O processo dialético inerente ao próprio movimento do desejo (*Begierde*) gera a duplicação dos desejos que consiste na duplicação da consciência de si que, por sua vez, resulta na luta das consciências de si desejantes, a qual gera a divisão do conceito de desejo (*Begierde*) transformando-o em desejo (*Begierde*) e desejo refreado (*gehemmte Begierde*). O desejo refreado (*gehemmte Begierde*) constitui o outro do desejo (*Begierde*) porque não consiste mais num movimento de pura negação que afirma a consciência imediatamente no mundo; contudo, se constitui destarte na negação

1. Mestre em Filosofia (UFPR). Professor da Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/PR. Texto submetido em Junho de 2009 e aprovado para publicação em Setembro de 2009.

2. A palavra alemã utilizada por Hegel para determinar o movimento inicial da Consciência no *Capítulo IV da Fenomenologia do Espírito* é *Begierde*. A palavra *Begierde* foi traduzida comumente para as línguas latinas (Francês, Espanhol e Português) como desejo, porém, a palavra desejo – no sentido geral e comum – em alemão é *Wunsch*; e a palavra *Begierde* em alemão é **apetite**. Manteremos aqui a tradução de *Begierde* como desejo, mas gostaríamos de alertar o leitor desse detalhe.

oposta já que a sua negação consiste na transformação e produção do que lhe é dado como o oposto.

Porém, toda essa trajetória de movimento negador do desejo (*Begierde*) e as transformações geradas por ele não permitiram que o desejo (*Begierde*) – enquanto movimento – permaneça o mesmo, ou seja, do mesmo modo que o desejo (*Begierde*) transformou os objetos que cercam a consciência de si, os objetos do desejo (*Begierde*) transformaram o desejo (*Begierde*) em um outro movimento. Ora, o que pretendemos no presente texto consiste em analisar as conseqüências do movimento do desejo (*Begierde*) sobre ele mesmo.

II

O desejo é apresentado por Hegel logo no início do *Capítulo IV da Fenomenologia do Espírito* como o caráter negador da consciência de si em relação à realidade que a cerca, que nada mais são que as experiências supressumidas pela consciência nas figuras que a precederam até aqui. Essa negação consiste na supressão entre o si da consciência e a realidade que a cerca.

Para a consciência-de-si, portanto, o ser-Outro é *como um ser*, ou como *momento diferente*; mas para ela é também a unidade de si mesma com essa diferença, como segundo momento *diferente*. Com aquele primeiro momento, a consciência-de-si é como consciência e para ela é mantida toda a extensão do mundo sensível; mas ao mesmo tempo, só como referida ao segundo momento, a unidade da consciência de si consigo mesma. Por isso, o mundo é para ela um subsistir, mas que é apenas um fenômeno, ou diferença que não tem em si mesma nenhum ser. Porém essa oposição, entre seu fenômeno e sua verdade, tem por sua essência somente a verdade, isto é, a unidade da consciência de si consigo mesma. Essa unidade deve vir a ser essencial a ela, o que significa: a consciência de si é desejo, em geral³. (Hegel, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. §167, p. 136, 2007).

A consciência desejante constitui a própria consciência de si e a transforma em um objeto duplo para si: a realidade que a cerca como oposição a ser negada e a própria consciência que se coloca como a verdade nessa oposição perante essa realidade que a cerca e da qual ela enquanto movimento deve supressumir na busca da igualdade consigo mesma que é sua única verdade.

3. "Es ist hiemit für es das Anderssein, als ein Sein, oder als unterschiedenes Moment; aber es ist für es auch die Einheit seiner selbst mit diesem Unterschiede, als zweites unterschiedenes Moment. Mit jenem ersten Moment ist das Selbstbewusstsein als Bewusstsein, und für es die ganze Ausbreitung der sinnlichen Welt erhalten; aber zugleich nur als auf das zweite Moment, die Einheit des Selbstbewusstseins mit sich selbst, bezogen; und sie ist hiemit für es ein Bestehen, welches aber nur Erscheinung, oder Unterschied ist, der an sich kein Sein hat. Dieser Gegensatz seiner Erscheinung und seiner Wahrheit hat aber nur die Wahrheit, nämlich die Einheit des Selbstbewusstseins mit sich selbst, zu seinem Wesen; diese muss ihm wesentlich werden; das heisst, es ist Begierde überhaupt." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 121. 2006).

A consciência tem de agora em diante, como consciência de si, um duplo objeto: um, o imediato, o objeto da certeza sensível e da percepção, o qual porém é marcado para ela com o *sinal do negativo*; o segundo objeto é justamente ela mesma, que é essência verdadeira e que de início só está presente na oposição ao primeiro objeto. A consciência-de-si se apresenta aqui como o movimento no qual essa oposição é supressumida e onde a igualdade consigo mesma vem-a-ser para ela⁴ (Ibidem. §167 p. 136-137. 2007).

A consciência desejanter inicia seu afã⁵: o desejo lança-se sobre a realidade circundante para marcá-la com a negação, ou seja, a consciência quer a todo custo suprimir esta realidade, esvaziá-la para poder encher-se dela, apropriar-se e tornar-se a sua verdade⁶. Contudo, a consciência desejanter é movimento e, como todo movimento, constitui uma ação direta em seu objeto. Essa ação negadora do desejo desdobra-se no objeto que se reflete pela ação imposta a ele e, assim, como o desejo é reflexão sobre a consciência, ele traz essa reflexão ao objeto que já não constitui o que a consciência anteriormente o tinha conhecido. Esse objeto se apresentará à consciência como objeto vivo.

Para nós, ou em si, o objeto que para a consciência-de-si é o negativo, retornou sobre si mesmo, do seu lado; como do outro lado, a consciência também [fez o mesmo]. Mediante essa reflexão-sobre-si, o objeto veio-a-ser vida. O que a consciência-de-si diferencia de si como essente não tem apenas, enquanto é posto como essente, o modo da certeza sensível e da percepção, mas é também Ser refletido sobre si; o objeto do desejo imediato é um ser vivo⁷. (Ibidem §168, p. 137, 2007).

A vida tal como surge da reflexão causada pelo desejo pode ser en-

4. "Das Bewusstsein hat als Selbstbewusstsein nunmehr einem gedoppelten Gegenstand, den einen, den unmittelbaren, den Gegenstand der sinnlichen Gewissheit und des Wahrnehmens, der aber für es mit dem Charakter des Negativen bezeichnet ist, und den zweiten, nämlich sich selbst, welcher das wahre Wesen, und zunächst nur erst im Gegensatze des ersten vorhanden ist. Das Selbstbewusstsein stellt sich hierin als die Bewegung dar, worin dieser Gegensatz aufgehoben, und ihm die Gleichheit seiner selbst mit sich wird." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 121-12. 2006).

5. Utilizaremos o termo **afã** em troca da palavra trabalho ou lida compreendida em sua maneira comum e cotidiana.

6. "Ora, o que é o Eu do desejo – O Eu do homem faminto, por exemplo – se não um vazio ávido de conteúdo, um vazio que quer preencher-se com o que é cheio, preencher-se esvaziando esse cheio, colocar-se – uma vez preenchido – no lugar desse cheio, ocupar por seu cheio o vazio formado pela supressão do cheio que não era o seu? Logo, de modo geral: se a filosofia verdadeira (absoluta) é – diferentemente da filosofia kantiana e da pré-kantiana, que são filosofias da consciência – uma filosofia da consciência-de-si uma filosofia consciente de si, prestando contas de si, justificando a si própria, sabendo que é absoluta e revelando-se como tal a si mesma, é preciso que o filósofo, é preciso que o homem seja, no fundo de seu Ser, não apenas contemplação passiva e positiva, mas também desejo ativo e negador." (Kojève, A, *Introdução à leitura de Hegel*. p. 162. 2002).

7. "Der Gegenstand, welcher für das Selbstbewusstsein das Negative ist, ist aber seinerseits für uns oder an sich ebenso in sich zurückgegangen als das Bewusstsein andererseits. Er ist durch diese Reflexion in sich Leben geworden. Was das Selbstbewusstsein als seiend von sich unterscheidet, hat auch insofern, als es seiend gesetzt ist, nicht bloss die Weise der sinnlichen Gewissheit und der Wahrnehmung an ihm, sondern es ist in sich reflektiertes Sein, und der Gegenstand der unmittelbaren Begierde ist ein Lebendiges." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 122. 2006).

tendida como retorno reflexivo do ser sobre si mesmo, isto é, a vida consiste num infinito movimento de conservação e superação das diferenças, mas também geração e colocação das diferenças. A vida neste momento é o puro movimento das diferenças na unidade que as suprassume ou "a essência simples do tempo que tem, nessa igualdade-consigo-mesma, a figura sólida do espaço"⁸ (Ibidem, §169, p. 137. 2007). Entender a vida como o processo que resultou da reflexão causada pelo movimento do desejo significa compreender duas características de um único movimento: a ação conservadora que une e pacífica constitui-se na ação que separa, dissolve e põe o diferente. A vida fundamenta o ciclo do desenvolvimento gerando o desenrolamento evolutivo das figuras⁹.

Esse movimento unitário de suprassunção do diferente denominado vida nada mais é que o subsistir ou a substância das diferenças e, por isso, as diferenças nelas ocorrem como membros que portam o puro movimento da sua unidade em si mesmos e a diferença deles uns com os outros é o puro movimento. Os membros independentes da unidade da vida são para si ou movimento negativo, o que equivale a dizer: são outras consciências.

A consciência desejan-te na persistência do movimento de seu desejo continuará negando seu objeto para que possa continuar a busca pela sua verdade, mas quanto mais ela busca a satisfação do seu desejo mais ela experimenta de si no outro. Esta experiência desencadeada com a ação negativa do desejo traz cada vez mais à tona para a consciência a sua verdade. Porém, a consciência desejan-te ainda não se fez cônica de que esse objeto vivo no qual ela imprime seu desejo para eliminá-lo como o outro entre ela e sua verdade é apenas outro que ela mesma, isto é, o único objeto vivo que tem a capacidade de suportar o desejo alheio e tornar-se reflexão a partir da consciência de si consiste em outra consciência de si. A experiência do desejo foi encontrar outro desejo, o que equivale dizer que a consciência experimentou a independência de seu objeto.

A consciência-de-si não pode assim suprassumir o objeto através de sua relação negativa para com ele; pois essa relação antes reproduz o objeto, assim como o desejo. De fato, a essência do desejo é um Outro que a consciência-de-si; e através de tal experiência essa verdade veio-a-ser para a consciência. Porém, ao mesmo tempo, a consciência-de-si é também absolutamente para si, e é isso somente através do suprassumir do objeto; suprassumir que deve tornar-se para a consciência-de-si sua satisfação, pois ela é sua verdade. Em razão da independência do objeto, a consciên-

8. "(...) das einfache Wesen der Zeit, das in dieser Sichselbstgleichheit die gediegene Gestalt des Raumes hat." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 122-123. 2006).

9. Esta caracterização da interpretação da vida – do modo como Hegel a apresenta no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito* – de geração ou auto geração das figuras é evidente para Siep em seu livro sobre a *Fenomenologia* como vemos na seguinte passagem: "(...) Leben ist ein noch gegenständliche gedachtes »Unterscheiden des nicht zu Unterscheidenden«, ein Prozess des Gestaltens bzw. der (» autopoietischen «) Selbstgestaltungen und der Auflösung dieser Gestaltungen in den Prozessen der Selbsterhaltung und der Reproduktion der Gattung." (Siep, L. *Der Weg der Phänomenologie des Geistes*, p. 100. 2000). "A vida é um objetivo pensado da "diferença da não diferença", um processo das figuras, isto é, da ("autopoiesis") auto organização e da dissolução dessa organização no processo de auto conservação e reprodução da espécie." (Siep, L. *O caminho da Fenomenologia do Espírito*, p. 100. 2000).

cia de si só pode alcançar satisfação quando esse objeto leva a cabo a

negação de si mesmo, nela; e deve levar a cabo em si tal negação de si mesmo, pois é em si o negativo, e deve ser para o Outro o que ele é. Mas quando o objeto é em si mesmo negação, e nisso é ao mesmo tempo independente, ele é consciência¹⁰ (Ibidem §175 p. 141. 2007).

Agora, a consciência de si tem no seu objeto outra consciência de si ou o que equivale a dizer: o desejo tem por objeto outro desejo. Isto ocorre porque o desejo que consome o objeto (a coisa) não se satisfaz plenamente com isso por que essa coisa consumida some, deixa simplesmente de existir em si e não retorna. Este findar-se do objeto sem retorno impede a completa realização da consciência de si que visa suprimir a realidade que a cerca para ser a verdade da relação com esta realidade. O desejo – este caráter negativo da consciência de si – busca na negação a relação da consciência de si para com o mundo. Ora, toda relação pressupõe duas ou mais partes iguais, o que significa que a busca do desejo ao consumir o mundo procura outro desejo diferente dele, mas que ao mesmo tempo seja igual a ele e, por isso, o desejo só se realiza em sua plenitude num outro desejo¹¹.

A partir de agora temos uma consciência de si para uma consciência de si, ou podemos dizer que a consciência de si encontra sua realização efetiva mediante outra consciência de si. De acordo com Hegel (2007, p. 144), “por conseguinte, o agir tem duplo sentido, não só enquanto é agir quer sobre si mesmo, quer sobre o outro, mas também enquanto indivisamente é o agir tanto de um quanto do outro”¹².

Dessarte, essa relação entre desejos desencadeia um novo momento reflexivo da consciência sobre ela mesma. Num primeiro momento, a consciência desejante reconhece outra consciência desejante e vice-versa

10. “Das Selbstbewusstsein vermag also durch seine negative Beziehung ihn nicht aufzuheben; es erzeugt ihn darum vielmehr wieder, so wie die Begierde. Es ist in der Tat ein anderes, als das Selbstbewusstsein, das Wesen der Begierde und durch diese Erfahrung ist ihm selbst diese Wahrheit geworden. Zugleich aber ist es ebenso absolut für sich, und ist dies nur durch Aufheben des Gegenstandes, und es muss ihm seine Befriedigung werden, denn es ist die Wahrheit. Um der Selbstständigkeit des Gegenstandes willen kann es daher zu Befriedigung nur gelingen, indem dieser selbst die Negation an ihm vollzieht; und er muss diese Negation seiner selbst an sich vollziehen, denn er ist an sich das Negative, und muss für das andre sein, was er ist. Indem er die Negation an sich selbst ist, und darin zugleich selbstständig ist, ist er Bewusstsein.” (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 126. 2006).

11. “Para que haja consciência de si, para que haja filosofia, é preciso que haja transcendência de si com referência a si como dado. E isso só é possível, segundo Hegel, se o desejo se dirige não a um Ser dado, mas a um não-ser. Desejar o Ser é preencher-se desse Ser dado, é sujeitar-se a ele. Desejar o não-ser é libertar-se do Ser, é realizar a própria autonomia, a liberdade. Para ser antropogênico, o desejo deve dirigir-se a um não-ser, isto é, a um outro desejo, a um outro vazio ávido, a um outro Eu. Pois o desejo é ausência de ser (ter fome é estar privado de alimento): um nada que nadifica no Ser, e não um Ser que é. Em outros termos, a ação destinada a satisfazer um desejo animal, que se dirige a uma coisa dada, existente, nunca chega a realizar um Eu humano, consciente de si. O desejo só é humano – ou mais exatamente humanizante, antropogênico – se for orientado para um outro desejo e para um outro desejo.” (Kojève. A. *Introdução à leitura de Hegel*. p. 162. 2002).

12. “Das Tun ist also nicht nur insofern doppelsinnig, als es ein Tun ebensowohl gegen sich als gegen das andre, sondern auch insofern, als es ungetrennt ebensowohl das Tun des Einen als des Andern ist.” (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 129. 2006).

porque ambas se encontraram na realidade que consumiam ou apropriavam-se. Identificaram-se como semelhantes, mas semelhantes que tem a verdade de si no outro e conseqüentemente se apresentam como a mediação para a realização do si do outro de modo recíproco e mútuo.

(...) Cada extremo é para o Outro o meio-termo, mediante o qual é consigo mesmo mediatizado e concluído; cada um é para si e para o Outro, essência imediata para si essente; que ao mesmo tempo só é para si através dessa mediação. *Eles se reconhecem como reconhecendo-se reciprocamente*¹³. (Ibidem §184 p. 144. 2007).

O movimento reflexivo que agora observamos nos põe em evidência o conceito de reconhecimento (*Anerkennen*). O reconhecimento (*Anerkennen*), para Hegel, é o momento que traz à tona o conceito do espírito porque ambas as consciências de si consentem em se tratar como consciências de si iguais. Ao admitirem a igualdade uma da outra abre-se a possibilidade da liberdade pois só a liberdade torna possível a igualdade das consciências de si. Esse processo resulta em um silogismo no qual as consciências de si se apresentam como extremos livres sendo o termo médio entre eles o reconhecimento.

Contudo, o reconhecimento (*Anerkennen*) não traz consigo somente essa estrutura silogística de explicação da formação da consciência de si em um de seus movimentos dialéticos ou momento de reflexão sobre si mesma, mas, antes, carrega consigo todo um desenvolvimento histórico e função social de grande importância para Hegel. O conceito de reconhecimento (*Anerkennen*) tem uma derradeira finalidade (*télos*) na filosofia de Hegel, porque envolve a compreensão do direito moderno, da moralidade, da religião e da política, o que equivale dizer: as figuras constituintes do espírito objetivo. Mesmo a *Fenomenologia do Espírito* sendo parte constitutiva do espírito subjetivo, ela traz em sua estrutura – em grande parte pelo conceito de reconhecimento – elementos do espírito objetivo¹⁴. Obviamente, os elementos de que falamos agora, não estão presentes em sua plenitude no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito* e, por vezes, estão apenas subtendidos na exposição do texto ou da argumentação hegeliana.

13. "(...) Jedes ist dem andern die Mitte, durch welche jedes sich mit sich selbst vermittelt und zusammenschliesst, und jedes sich und dem andern unmittelbares für sich seiendes Wesen, welches zugleich nur durch diese Vermittlung so für sich ist. Sie anerkennen sich, als gegenseitig sich anerkennend." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 129. 2006).

14. A tese de que o conceito de reconhecimento traz consigo elementos do espírito objetivo ou prático na *Fenomenologia do Espírito* – inclusive no capítulo IV, no qual o reconhecimento não se realiza plenamente – é evidenciada por Siep como podemos observar na seguinte passagem: "(...) Die »Bewegung des Anerkennens« ist dabei nicht auf den Kampf um Anerkennung beschränkt. Sie ist vielmehr das »Telos«, das Ziel, das durch alle Entwicklungsstufen des praktischen Geistes erreicht werden soll und erst im letzten Kapitel der *Phänomenologie* jedenfalls in den Grundzügen erreicht wird. Historisch bedeutet das, dass Hegel in einem bestimmten Verständnis des modernen Rechts, der Moralität und der Religion den Begriff der Anerkennung verwirklicht sieht." (Siep, L. *Der Weg der Phänomenologie des Geistes*, p. 98-99. 2000). "(...) O movimento do reconhecimento não é apenas limitado pela luta por reconhecimento. Ele consiste, antes de mais nada, no *télos*, na derradeira finalidade, que deve ser atingida pelas etapas do desenvolvimento do espírito objetivo e apenas no último capítulo da *Fenomenologia*, pelo menos, em seu fundamento será alcançado." (Siep, L. *O caminho da Fenomenologia do Espírito*, p. 98-99. 2000).

Ora, se o conceito de reconhecimento traz consigo esta certa carga histórica e função social, ele não se reduz somente a uma estrutura lógica silogística assim como não é somente uma simples duplicação de consciências, no sentido de uma pluralidade simples deslocada do real. No entanto, o reconhecimento requer uma pluralidade constituinte das consciências de si, uma relação entre eu e você ou entre nós e eu. "(...) Eu, que é Nós, Nós que é Eu." (Ibidem §177 p. 142. 2007)¹⁵.

Esta relação constituinte das consciências de si consiste na formação da intersubjetividade da consciência de si¹⁶. A constituição desta intersubjetividade da consciência de si recoloca consistentemente a função social implícita no reconhecimento porque põe recíproca e mutuamente a relação das consciências de si como coletiva e correspondente ao espírito. A correspondência ao espírito coloca a história, e a coletividade – a pluralidade de eus que se relacionam mútua e reciprocamente – coloca as relações sociais desenvolvidas pela humanidade (*Menschheit*) nas suas mais variadas formas.

Deste modo, a intersubjetividade trará à tona um momento outro que o reconhecimento. O movimento mútuo e recíproco entre as consciências de si juntamente com a carga histórica e a coletividade postas transformarão o reconhecimento no seu contrário, levando a consciência a experimentar as figuras das relações sociais desenvolvidas pela história humana (*Menschheitsgeschichte*) durante a sua jornada em busca da verdade de seu si ou a certeza de si mesma.

Essa busca da verdade de si no outro nos conduz ao segundo momento que se caracteriza pela desigualdade entre eles. A desigualdade entre os desejos vem da sua própria característica negadora, pois os dois buscam ser reconhecidos como iguais no outro, numa relação que procura afirmar-se como verdade no outro pela supressão do outro. Ora, uma relação de afirmação que requer a supressão ou negação do outro, não pode se estabelecer como igual ao outro, pois a sua igualdade está na supressão desse outro e, assim, este desejo de reconhecimento dos desejos transformar-se-á em seu contrário tornando-se disputa pelo reconhecimento, ou uma desigualdade impressora de igualdade.

Consideremos agora este puro conceito do reconhecimento, a duplicação da consciência-de-si em sua unidade, tal como seu processo se manifesta para a consciência-de-si. Esse processo vai apresentar primeiro o lado da desigualdade de ambas [as consciências-de-si] ou o extravasar do meio-termo nos extremos, os quais, como extremos, são opostos um ao outro;

15. "(...) Ich, das Wir, und Wir, das Ich ist." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 127. 2006).

16. Siep faz menção ao primeiro Fichte, da obra *Grundlage des Naturrechts nach Prinzipien der Wissenschaftslehre von 1796/97*, e apresenta semelhanças entre Fichte e Hegel na questão da intersubjetividade da consciência de si. C.f. (Siep, L. *Der Weg der Phänomenologie des Geistes*, p. 99. 2000).

um extremo é só o que é reconhecido; o outro, só o que reconhece¹⁷ (Ibidem §185 p. 144. 2007).

Nessa busca dialética pelo reconhecimento os desejos se transformaram em impositores de reconhecimento, o que desfalece o reconhecimento enquanto tal e nos põe o seguinte impasse: como um desejo se realiza no outro se essencialmente seu puro movimento é o negar do outro? A alternativa mais plausível para esse impasse consiste no enfrentamento dos desejos entre si, ou seja, eles devem levar a cabo a pura negatividade que são e um suprimirá o outro.

Esta apresentação é o *agir duplicado*: o agir do Outro e o agir por meio de si mesmo. Enquanto agir do Outro, cada um tende, pois, à morte do Outro. Mas aí está também presente o *segundo* agir, o *agir por meio de si mesmo*, pois aquele agir do outro inclui o arriscar a própria vida. Portanto, a relação das duas consciências-de-si é determinada de tal modo que elas se *provam* a si mesmas e uma a outra através de uma luta de vida e morte¹⁸ (Ibidem §187 p. 145. 2007).

Esta luta que os desejos travam para realizarem seu movimento pela supressão do outro implicará na negação da essência do outro, isto é, eles lutaram visando a negação absoluta e completa do outro ou a morte do outro. O desejo somente será desejo se outro desejo não for mais desejo e a forma imediata do desaparecimento do outro desejo apresenta-se na forma imediata da morte. Ambos os desejos se apegaram na imediatez da forma da morte e se dispõem a matar o outro ou morrer e partem para a realização desta imediatez. Mas essa luta que põe em jogo a vida natural dos desejos pela forma imediata da morte e não realiza aquilo que o desejo quer, pois como vimos anteriormente, o desejo só se realiza em relação com outro desejo, isto é, uma consciência de si se relacionando com outra consciência de si. A morte, portanto, não realiza uma relação e sim a impede porque a morte do outro desejo traz à tona a total impossibilidade da relação, pois aquilo que é morto não se relaciona com nada. A morte não é o que o desejo da consciência de si deseja.

Entretanto, essa comprovação por meio da morte suprassume justamente a verdade que dela deveria resultar, e com isso também [suprassume] a certeza de si mesmo em geral. Com efeito, como a vida é a posição natural da consciência, a independência sem a absoluta negatividade, assim a morte é a negação natural desta mesma consciência, a negação sem a independência, que assim fica privada da significação pretendida no reconhecimento¹⁹ (Ibidem §188 p. 146. 2007).

17. "Dieser reine Begriff des Anerkennens, der Verdopplung des Selbstbwsusstseins in seiner Einheit, ist nun zu betrachten, wie sein Prozess für das Selbstbwsusstsein erscheint. Er wird zuerst die Seite der Ungleichheit beider darstellen, oder das Heraustreten der Mitte in die Extreme, welche als Extreme sich entgegengesetzt, und das eine nur Anerkanntes, [das] andre nur Anerkennendes ist. (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 129. 2006).

18. "(...) Diese Darstellung ist, das gedoppelte Tun; Tun des andern, und Tun durch sich selbst. Insofern es Tun des andern ist, geht also jeder auf den Tod des andern. Darin aber ist auch das zweite, das Tun durch sich selbst, vorhanden; denn jenes schliesst das Daransetzen des eignen Lebens in sich. Das Verhältnis beider Selbstbwsusstsein ist also so bestimmt, dass sie sich selbst und einander durch den Kampf auf Leben und Tod bewähren. (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 130. 2006).

19. "Diese Bewährung aber durch den Tod hebt eben so die Wahrheit, welche daraus hervorge-

Ao travar a luta de vida ou morte os desejos apenas realizam a imediatez da morte que nunca os levará à relação almejada por ambos, e um dos desejos intuirá essa impossibilidade de relação pela imediatez da morte e deixará de levar essa luta a cabo para se colocar fora da disputa e ceder de imediato ao outro desejo. Com essa decisão tomada por uma das consciências desejantes, o desejo entrará numa outra dialética que consistirá em dois tipos de desejo: uma das consciências desejantes se mostrará apegada à negação imediata da realidade que a cerca e a outra consciência desejante se apresentará na forma reprimida, isto é, ao ceder à outra consciência desejante que se apegou à negação imediata da realidade, ela – consciência desejante cedente – ficou impedida de realizar a satisfação do desejo e, por isso, o reprimiu e não o realizou por completo. Essas consciências desejantes são respectivamente o senhor – consciência que realiza o desejo – e o escravo – consciência que foi obrigada a refrear seu desejo.

Nessa nova dialética das consciências de si, o desejo fará a experiência da descoberta de transformação do seu outro porque uma das consciências abriu mão da realização de seu desejo e já se pôs na forma de desejo refreado (*gehemmtte Begierde*), ou seja, um desejo que já não é igual ao outro. Dessa maneira teremos dois movimentos distintos: uma consciência de si se afirmando a partir da negação imediata da realidade que a cerca e realizando sua satisfação no gozo desse movimento, e a outra reconhecendo essa consciência de si como legítima, mas impossibilitada de reconhecimento pela outra que a impediu de realizar seu desejo e, por isso, não a reconhece como desejo e sim como uma das coisas que foram negadas.

Quando as consciências de si se colocaram como extremos diferentes assumindo as figuras de senhor e escravo, entramos num dos campos históricos sociais importantes para Hegel. Pela primeira vez, a consciência de si experimentalá a si mesma e ao outro numa ação concreta de uma forma de relação social. Essa forma de relação social – senhor e escravo – permitirá a consciência de si realizar de maneira concreta tudo o que foi intuído no reconhecimento (*Anerkennen*) e nesse processo modificará a natureza do movimento do desejo (*Begierde*) transformando-o em um novo movimento vinculante com a realidade, que trataremos a partir desse momento.

III

A consciência de si desejante que se pôs na figura do senhor e aparentemente se realiza no gozo e satisfação de seu desejo, constitui a consciência desejante que mais se afasta do desejo de reconhecimento (*Anerkennen*) que a consciência desejante almejava: ser reconhecida por outra consciência de si. Isto ocorre porque a consciência desejante do senhor se satisfaz com a mera negação imediata da realidade que é o consumo do objeto,

hen sollte, als damit auch die Gewissheit seiner selbst überhaupt auf; denn wie des Leben die natürliche Position des Bewusstseins, die Selbstständigkeit ohne die absolute Negativität, ist, so ist er die natürliche Negation desselben, die Negation ohne die Selbstständigkeit, welche also ohne die geforderte Bedeutung des Anerkennens bleibt." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 131. 2006).

mas esse consumo simples que gera a satisfação imediata do desejo pelo gozo e afirma imediatamente a consciência faz justamente o contrário, isto é, não realiza o desejo de reconhecimento (*Anerkennen*) pressuposto pelas consciências porque não reconhece a outra como consciência e apega-se no gozo do simples consumo.

Esse apego ao gozo do simples consumo consiste na radicalidade mais contraditória em relação à essência da consciência de si porque no consumo simples a consciência realiza o desejo natural, ou seja, um desejo apegado ao mundo natural e, por isso, dependente dele²⁰. Deste modo, o desejo que se satisfaz apenas com o consumo – simples negação da natureza – torna-se uma espécie de prisioneiro da vida natural, isto é, gera uma vinculação com o mundo que o cerca de maneira imediata (biológica), que se torna um ciclo vicioso de dependência com o mundo natural; e a cada satisfação e gozo permanece mais enraizado na natureza, na vida natural que desejava abolir.

A consciência desejante que figura como senhor torna-se o contrário daquilo que se pretende já que o movimento do desejo realizado por ela apresenta-se como um movimento de negação que afirma de imediato o contrário do que deveria ser: o caráter negador da consciência de si em relação à realidade que a cerca e a supressão entre o si da consciência e a realidade que a cerca. O desejo do senhor não se apresentou como o caráter negador da consciência em relação à realidade que a cerca, mas sim afirmou essa realidade de maneira imediata e ignorou o reconhecimento da outra consciência. O desejo, tal como se desenvolveu até a figura do senhor, apenas gerou para a consciência de si uma afirmação ou vínculo imediato para com o mundo que a cerca, contudo não suprimiu esta realidade para que a consciência realize seu si, ou seja, o desejo da maneira pela qual foi apresentado até aqui não constitui aquilo que a consciência de si é essencialmente.

Todavia, resta-nos analisar o desejo que se transformou em desejo refreado (*gehemmte Begierde*) durante esta dialética realizada pelas consciências. A consciência desejante que se apresenta sob a figura do escravo foi obrigada a renunciar o gozo e a plena satisfação do desejo já que não estava disposta a negar a vida na forma imediata da morte e, por isso, tornou-

20. "O desejo animal – a fome, por exemplo, e a ação dela decorrente – nega, destrói o dado natural. Ao negá-lo, ao modificá-lo, ao fazê-lo seu, o animal eleva-se acima desse dado. Segundo Hegel, o animal, quando come a planta, realiza e revela sua superioridade sobre ela. Mas porque se alimenta de plantas, o animal depende delas e, por isso, não chega a superá-las de fato. De modo geral, o vazio ávido – ou o Eu – que se reserva pelo desejo biológico só se preenche – pela ação biológica dele decorrente – com um conteúdo natural, biológico. O Eu, ou o pseudo-Eu, realizado pela satisfação ativa desse desejo, é, pois tão natural, biológico, material, quanto àquilo que atrai o desejo e a ação. O animal só se eleva acima da natureza negada em seu desejo animal para nela recair imediatamente quando satisfaz esse desejo. Assim, o animal só chega ao sentimento de si (*Selbst-gefühl*), mas não à consciência-de-si (*Selbstbewusstsein*); isto é, ele não pode falar de si, dizer: "Eu...". E isso porque ele não transcende realmente a si mesmo como dado, isto é, como corpo; ele não se eleva acima de si para poder voltar para si: ele não tem distanciamento em relação a si, para poder contemplar-se." (Kojève. A. *Introdução à leitura de Hegel*. p. 163. 2002).

se um desejo refreado (*gehemmte Begierde*). Ora, o início da consciência de si caracteriza o desejo como um movimento negador que busca incessantemente a supressão do outro ou a realidade que cerca a consciência de si. A partir dessa caracterização do desejo, ele categorialmente não pode ser refreado porque um movimento negador consiste em aniquilar o que tenta refreá-lo, impedi-lo ou se opor a ele de alguma forma ou não seria movimento negador. Deste modo, este desejo que veio-a-ser refreado apenas assim tornou-se porque já se reconstituiu num outro movimento resultante da dialética anterior e, apesar de aparecer como um desejo requalificado, já não consiste mais como desejo.

Este outro movimento do desejo – o desejo refreado (*gehemmte Begierde*) – transformou-se em um movimento negador que se diferencia e realiza uma negação contrária à negação do desejo (*Begierde*). Esse novo movimento negador – desejo refreado (*gehemmte Begierde*) – estabelece uma nova relação com o objeto negado que o transforma e permite sua permanência, isto é, ao negar o objeto, ele produz num novo objeto porque criou este objeto antes de consumi-lo, o que equivale a dizer: o desejo refreado (*gehemmte Begierde*) transformou-se em trabalho (*Arbeit*). O trabalho (*Arbeit*) constitui essa relação negativa que cria uma relação permanente com a realidade em torno da consciência de si desejante; que estabelece uma relação vinculante com a realidade que, por isso, se torna a realidade da consciência de si e não apenas consumo imediato ou destruição da natureza como foi realizada pelo desejo, em sua representação máxima que consiste na figura do senhor, que não permite a relação permanente, mas apenas dependente e evanescente.

(...) No momento que corresponde ao desejo na consciência do senhor, parecia caber a consciência escrava o lado da relação inessencial para com a coisa, porquanto ali a coisa mantém sua independência. O desejo se reservou o puro negar do objeto e por isso o sentimento-de-si-mesmo, sem mescla. Mas essa satisfação é pelo mesmo motivo, apenas um evanescente, já que lhe falta o lado objetivo ou o *subsistir*. O trabalho, ao contrário, é desejo *refreado*, um desvanecer *contido*, ou seja, o trabalho *forma*. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Esse meio termo negativo ou agir formativo é, ao mesmo tempo, a *singularidade*, ou o puro ser para si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente como intuição de si mesma²¹. (Ibidem, §195 p. 150).

21. "(...) In dem Momente, welches der Begierde im Bewusstsein des Herrn entspricht, schien dem dienenden Bewusstsein zwar die Seite der unwesentlichen Beziehung auf das Ding zugefallen zu sein, indem das Ding darin seine Selbstständigkeit behält. Die Begierde hat sich das reine Negieren des Gegenstandes, und dadurch das unvermischte Selbstgefühl vorbehalten. Diese Befriedigung ist aber deswegen selbst nur ein Verschwinden, denn es fehlt ihr die gegeständliche Seite oder das Bestehen. Die Arbeit hingegen ist gehemmte Begierde, aufgehaltene Verschwinden, oder sie bildet. Die negative Beziehung auf den Gegenstand wird zur Form desselben, und zu einem Bleibenden; weil eben dem Arbeitenden der Gegenstand Selbstständigkeit hat. Diese negative Mitte oder das formierende Tun ist zugleich die Einzelheit oder das reine Fürsichsein des Bewusstseins, welches nun in die Arbeit ausser es in das Element des Bleibens tritt; das arbeitende Bewusstsein kommt also hiedurch zur Anschauung des selbstständigen Seins, als seiner selbst." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 135. 2006).

O conceito de desejo refreado (*gehemmte Begierde*) contido na figura do escravo consiste dessarte no conceito de trabalho (*Arbeit*), pois o movimento de negação que nega o desejo por ser outro movimento negativo que não destrói simplesmente o objeto desejado, mas o transforma em algo novo permitindo sua durabilidade e assim criando um mundo para a consciência de si, apenas acontece quando se trabalha o objeto e não meramente o consome.

O trabalho (*Arbeit*) se constitui na transmutação do desejo (*Begierde*), o que significa dizer: o trabalho (*Arbeit*) consiste no resultado da reflexão da negatividade do desejo sobre si mesmo enquanto movimento negador que ao negar seu objeto o transforma lhe imprimindo negatividade, e ele – desejo (*Begierde*) –, sofre o retorno do movimento que imprimiu ao objeto. Ora, se o desejo (*Begierde*) sofre as conseqüências da sua negatividade, ele deve transformar-se assim como os objetos que recebem sua ação negativa se transformam. Porém, como ele é movimento ativo, sua transformação não é apenas figurativa e sim uma passagem condicionante de sua ação transformadora, ou seja, trabalho (*Arbeit*) fornece aos objetos e, obviamente, à consciência de si uma nova relação de existência no mundo.

Deste modo, o processo dialético inerente ao próprio movimento do desejo ocasiona a duplicação dos desejos que consiste na duplicação da consciência de si; que, por sua vez, desemboca na luta das consciências de si desejantes, a qual gera a cisão do conceito de desejo divisando-o em desejo (*Begierde*) e desejo refreado (*gehemmte Begierde*). O desejo refreado (*gehemmte Begierde*) constitui o outro do desejo (*Begierde*) porque não consiste mais num movimento de pura negação que afirma a consciência imediatamente no mundo, contudo, se constitui destarte na negação oposta já que a sua negação consiste na transformação e produção do que lhe é dado como o oposto. Ora, tudo aquilo que constitui transformação, formação, produção, etc., é trabalho (*Arbeit*) humano. O outro do desejo é o trabalho (*Arbeit*)²².

Assim, a consciência de si desejante só se realiza como consciência de si em sua essência quando suprassume a forma do simples desejo – vínculo aparente com o mundo – para a forma produtora do trabalho (*Arbeit*) – vínculo efetivo com o mundo da consciência de si – que intui e efetiva o si da consciência de si na realidade que a cerca.

22. A transformação do desejo em outro movimento, ou seja, em trabalho e o trabalho como formação em Hegel é assinalada por Berman no seu artigo "Formação e Romance de Formação" do qual reproduzimos apenas a seguinte passagem: "(...) « Dans la mesure où il forme (bildet) la chose, dit le philosophe, il se forme lui même. » Le travail est donc, en tant que « désir empêché », Bildung". (Berman, A. *Bildung et Bildungsromam*. p. 144. 1984) "(...) 'A medida que a consciência trabalha as coisas ao seu redor, ela forma a si mesma'. Por isso o trabalho é 'considerado desejo refreado', Bildung." (Berman, A. *Formação e Romance de Formação*. p. 144. 1984).

Referências Bibliográficas

Obras de Hegel:

HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2006.

_____. *Fenomenologia do Espírito*. Trad.: Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2007.

Obras Secundárias:

BOURGEOIS, B. *Os Atos do Espírito*. Trad: Paulo Neves. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

HYPOLITE, J. *Gênese e Estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. Trad.: Sívio Rosa Filho. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

KOJÈVE, A. *Introdução à Leitura de Hegel*. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto/EDUERJ, 2002.

LEBRUN, G. *La Patience du Concept: Essai sur le Discours Hégélien*. Paris: Éditions Gallimard, 1972.

MENESES, P. *Para Ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Loyola, 1992.

PÖGGELER, O. *Études Hégéliennes*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1985.

SANTOS, J. H. *Trabalho e Riqueza na Fenomenologia do Espírito de Hegel*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. *O Trabalho do Negativo*. São Paulo: Loyola, 2007.

SIEP, L. *Der Weg der Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt: SUHRKAMP, 2000.

Artigos Consultados em Periódicos:

BERMAN, A. Bildung et Bildungsroman. *Les Temps de la Réflexion*, Paris, v. 4, p. 141-159. 1984.

SUAREZ, R. Nota sobre o conceito de Bildung. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, nº112, p. 191-198. Dez/2005.

GONÇALVES, M. Uma concepção dialética da arte a partir da gênese do conceito de trabalho na Fenomenologia do Espírito de Hegel. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, nº112, p. 260-272. Dez/2005.